

## NOTA SOBRE LÓGICA PREDICATIVA E LÓGICA ESPECULATIVA EM HEGEL

*Marilene Rodrigues de Mello Brunelli*

A pretensão dessa nota não é a de trazer uma contribuição original, mas a de ser de alguma utilidade para os estudiosos de filosofia que começam a freqüentar o texto hegeliano. O objeto da nossa análise é o Prefácio à 1ª edição da *Ciência da Lógica* e os parágrafos iniciais da *Enciclopédia*, nos quais Hegel procura mostrar, como exigência do seu tempo, a necessidade de pensar a realidade radicalmente. Convidado de que representava o "termo" do pensamento filosófico e que, portanto, oferecia a obra conclusiva, situa-se em face de certas correntes de pensamento, entre elas o Kantismo, não aceitando suas conclusões. Nesta introdução, Hegel procura mostrar que o ponto de partida necessário da Lógica é o pensamento objetivo que não é só entendimento, o domínio das determinações fixas, mas também razão que ultrapassa essas determinações.

Segundo Kant, o que nos informa sobre o objeto real é a intuição sensível, mas esta não dá verdade e, sim, fenômenos, enquanto conhecidos como tais. São as determinações do pensamento, enquanto este se exprime através dos conceitos do entendimento, que constituem o elemento objetivo do conhecimento. Hegel não aceita a solução oferecida por Kant em relação ao pensamento e à objetividade, pois as categorias não podem ser determinações do Absoluto; o entendimento não é capaz de atingir a coisa-em-si e a razão como pensamento é vazia, pensa mas não conhece. Segundo ele, a Lógica dá conteúdo objetivo ao pensamento que, como veremos, é o pensamento de si mesmo.

Para Kant, a razão é feita para pensar o finito e, quando tenta pensar o infinito, cai em contradição. Para Hegel, a razão é a faculdade de pensar o real absoluto, a plenitude completa. Não pensamos determinações isoladas, mas, ao pensar uma determinação, penso-a na sua realidade radical de oposição às outras. A razão é a identidade

concreta da relação entre as diversas determinações. Por isso, o que constitui a especificidade da Filosofia é essa passagem da representação ao conceito. O pensamento filosófico é pensamento conceptual, e o conteúdo é tudo aquilo que se encontra no âmbito do Espírito vivo (História), ou tudo que se estrutura como mundo interior e exterior à consciência, ou tudo que possui *efetividade*. A Filosofia só trata daquilo que pode determinar na sua formação. A origem primeira do conteúdo é a experiência, mas, para Hegel, esta diz respeito não ao que aparece e, sim, ao que é real. O objeto da experiência é aquilo que está diante do pensamento, é aquilo que pode ser pensado. E a experiência implica imediatidade e mediação. Não existe experiência que seja só do imediatamente presente, e a mediação implica que se comece e avance até uma segunda realidade, que é conhecida em relação à primeira da qual partimos e ao caminho percorrido para chegar até ela. Dessa forma, a segunda realidade só é conhecida mediatizada pela primeira. Sem a mediação, sem a relação entre os termos da experiência, só teríamos conhecimento atomístico.

O verdadeiro é o que nasce do movimento que vai da determinação abstrata da coisa para a sua determinação racional através da sua negação. Tudo que é real, na medida em que pode ser pensado, apresenta três aspectos: o *abstrato*, que é a consideração do lógico — do ponto de vista do entendimento, em que cada coisa pensada logicamente é pensada separadamente, o *dialético* e o *especulativo*, que são a consideração do lógico do ponto de vista da razão, captado, respectivamente, do ponto de vista negativo e do ponto de vista positivo.

O pensamento, enquanto entendimento, fixa o carácter diferencial das coisas, mas é apenas o ponto de partida. Não existe pensamento que não seja diferenciador e classificatório no início, não significando, entretanto, que não é possível reelaborar nova síntese. Segundo Hegel, sem passar pelo entendimento, não é possível chegar ao dialético, ficando sempre no sensível. O entendimento é momento essencial, mas a logicidade do real não se esgota ao nível do entendimento. A supressão das determinações finitas do entendimento é movimento intrínseco a esta determinação do pensar dialético. O momento dialético é a forma do pensamento que nos permite superar a limitação do entendimento e pensar o movimento como tal. Toda realidade é dialética. Começamos a abordar a realidade do ponto de vista do entendimento e, no momento em que determinamos o objeto, a própria dinâmica do pensamento leva a negar esses limites estabelecidos para poder estabelecer as relações entre os diversos objetos. E o momento especulativo ou positivamente racional apreende a unidade das deter-

minações na sua oposição na medida em que determinações entram no movimento dialético. O positivamente racional é o concreto verdadeiro, é a unidade das determinações na sua diferença.

Razão e entendimento estão ligados. O entendimento é aquele que fixa o conceito das coisas, que estrutura em conceitos o que é dado na experiência, e a razão introduz a contradição e restitui o movimento ao que foi fixado. O entendimento transforma o caos da nossa experiência numa série ordenada de conceitos, necessária para podermos começar a pensar, e a razão restitui o movimento sem perder o sentido conquistado pelo entendimento, ou seja, restitui o movimento, não a uma realidade dada, mas a uma realidade compreendida. É nesse sentido que Hegel diz que a razão é negativa, mas negação positiva. Ela faz surgir o universal concreto do próprio movimento lógico de negação da abstração do universal do entendimento. Enquanto a lógica do entendimento é predicativa, o que interessa na dialética é o movimento dos predicados, mas a lógica do entendimento está contida na lógica especulativa.

Hegel, dentro da situação criada por Kant, quer recuperar todas as experiências da consciência em termos de razão e constituir uma visão coerente do mundo. O princípio dos novos tempos é o sujeito pensante como fundamento e centro de toda a vida cultural, e era preciso construir a ciência do sujeito pensante. Hegel mostra o pensamento pensante pensando-se a si mesmo mediatizado por todo objeto possível. O Eu penso tem como conteúdo o próprio sujeito pensante. O pensamento não é instrumento para pensar alguma coisa, mas pensa-se a si mesmo. Seu conteúdo é o desenvolvimento da própria atividade do Eu. Portanto, antes de unificar o diverso da experiência, desenvolve o seu conteúdo imanente. O problema fundamental de Hegel é realizar a passagem do Eu penso, enquanto unidade sintética da apercepção, ao Eu penso enquanto conceito, enquanto dinamismo imanente do próprio pensamento. O conceito se desenvolve a partir de si mesmo. É, ao mesmo tempo, progressão e produção imanente das suas determinações.

Assim, pode identificar pensamento e ser: tudo que é pensado é *ser*, tudo que é pode ser pensado. O fim da Filosofia não é provar que o mundo tem sentido, mas que racionalidade imanente às coisas pode se explicitada no conceito; é a tomada de consciência dessa racionalidade. A realidade é pensável e o pensamento só é pensamento enquanto pensando a realidade. A razão não é forma vazia. Por isso, inverte a proposição falsamente atribuída a Aristóteles, nada há na in-

teligência que não passe pelos sentidos, afirmando que não há nada nos sentidos que não passe pela inteligência. Só captamos pelos sentidos o que compreendemos. O objeto, antes de definir as condições com as quais se apresenta na experiência, está submetido a algo que o antecede, que são as condições do próprio pensamento, a inteligibilidade radical que é a inteligibilidade do próprio objeto.